

O Fim da
Paz Perpétua

José Pedro
Teixeira Fernandes

O Fim da Paz Perpétua

GEOPOLÍTICA DE UM MUNDO
EM METAMORFOSE

PREFÁCIO DE
Nuno Severiano Teixeira

Índice

Prefácio <i>Nuno Severiano Teixeira</i>	7
Introdução	13
Parte I. A ordem internacional liberal e o regresso da guerra à Europa	
1 A vingança da Rússia	23
2 A Rússia e a guerra como continuação da política por outros meios	28
3 A Rússia, o Ocidente e a democracia liberal	32
4 Choque de civilizações, versão russa	36
5 Insegurança perpétua: a geopolítica de Kaliningrado	40
6 A guerra que vai acabar com a guerra na Ucrânia	44
7 O poder da Rússia: Leviatã ou aldeia de Potemkin?	48
8 Os crimes de guerra na Ucrânia e a justiça internacional	52
9 A adesão da Ucrânia à União Europeia e a Rússia	59
10 O longo e incerto caminho da Ucrânia para a União Europeia	63
11 A relação transatlântica em tempo de guerra	68
12 A ilusão do regresso ao mundo euro-atlântico	72
Parte II. A formação tumultuosa de um mundo multipolar	
13 Um mundo perigoso: o Ocidente, a Rússia e o Resto	79
14 Os BRICS e o G7: novas e velhas ambições de poder mundial	83

© 2024, Livros Zigurate e José Pedro Teixeira Fernandes

Livros Zigurate

Av. 5 de Outubro, 42, 1.º Esq.
1050-057 Lisboa

livroszigurate@zigurate.pt

Título: *O Fim da Paz Perpétua: Geopolítica de um mundo em metamorfose*

Autor: José Pedro Teixeira Fernandes

Prefácio: Nuno Severiano Teixeira

Revisão: GoodSpell

Composição e capa: Pedro Serpa

1.ª edição: Janeiro de 2024

ISBN 978-989-35146-7-2

Depósito Legal n.º 524574/23

15	A ordem internacional baseada em regras, os EUA e a China	87
16	A interdependência como arma: a globalização em reverso	92
17	O fim da globalização liberal e o risco geopolítico da China — o caso português	97
18	A ilusão de um novo modelo energético sem competição geopolítica	102
19	A nova Guerra Fria e a ascensão da China no Médio Oriente	106
20	As múltiplas consequências do regresso da guerra ao Médio Oriente	110
21	Confrontar a China e a Rússia com uma aliança de democracias?	115
22	A guerra dos drones e a transformação do poder militar	122
23	O Ocidente tem um problema chamado Turquia	126
24	A União Europeia num mundo multipolar	131
25	A angústia de ser europeu	136

Prefácio

NUNO SEVERIANO TEIXEIRA

José Pedro Teixeira Fernandes não precisa de apresentação. É um académico conhecido e reconhecido no campo teórico das relações internacionais em Portugal. Conhecido pela sua já longa e sempre prestigiada obra científica. E reconhecido pela divulgação do seu conhecimento na sociedade portuguesa, através de uma presença mediática constante: da imprensa escrita à televisão. O livro que agora dá à estampa — *O Fim da Paz Perpétua: Geopolítica de um mundo em metamorfose* — é o seu último contributo para a disciplina das relações internacionais e, simultaneamente, mais um testemunho do modo feliz como combina a produção de conhecimento e o exercício de cidadania que é a sua divulgação no espaço público.

O livro reúne um conjunto de 25 textos, todos eles sobre questões de actualidade na política internacional e que constituem outros tantos capítulos que estão organizados em duas partes: a primeira sobre a ordem internacional liberal e centrada sobre o fim da paz e o regresso da guerra à Europa; a segunda sobre a crise da ordem internacional liberal e a contestação à hegemonia dos Estados Unidos, centrada sobre o fim do momento unipolar americano e a emergência de um mundo multipolar.

São diferentes as duas partes e muito diversos os temas dos 25 capítulos, todos, porém, atravessados por um pressuposto comum que dá coerência à economia do livro e unidade à sua linha interpretativa. E o pressuposto é que existe uma relação estreita entre a história e a teoria. Isto é, entre a realidade da evolução histórica da vida internacional e a teoria analítica que procura interpretá-la.

Nesse sentido, o pós-Guerra Fria marcou a vitória do modelo americano e do Ocidente em geral: a vitória da economia de mercado, da democracia liberal das alianças

permanentes e da ordem internacional multilateral. A hegemonia ocidental e a unipolaridade americana eram indisputáveis e indisputadas. É o tempo em que Francis Fukuyama lança a tese do fim da história.

Neste ambiente internacional, a Europa foi mais longe. E o sucesso do alargamento e do aprofundamento da integração europeia conduziu à ideia de que tinha entrado numa era pós-nacional e pós-vestefaliana e de que a guerra estava definitivamente superada. Sustenta o autor que um tal ambiente estratégico internacional favoreceu a formulação e o desenvolvimento das teorias liberais e construtivistas das relações internacionais, herdeiras da tese kantiana da paz perpétua.

Ora, o 11 de Setembro, primeiro, a crise financeira de 2008, depois, e, finalmente, a vitória do Brexit e a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América vêm marcar a transição para o pós-Guerra Fria. O fim da história de Fukuyama é substituído pelo choque de civilizações de Samuel Huntington e, progressivamente, pelo abrir de todo um outro tempo. De contestação do modelo ocidental e disputa da hegemonia dos Estados Unidos da América. Do fim da unipolaridade americana e do princípio de um mundo multipolar. Regressa o proteccionismo económico e a democracia retrocede, sob a emergência de potências autocráticas em diferentes áreas regionais e derivas iliberais nas democracias ocidentais. Regressa o *great power politics* e a rivalidade entre a potência hegemónica e a potência emergente: agora, entre os Estados Unidos da América e a China. E, claro, emerge uma narrativa sobre uma nova ordem internacional, alternativa à ordem liberal. Para muitos, pós-democrática.

Finalmente, regressa a guerra à Europa. Uma guerra clássica, imperial e de conquista territorial. Uma guerra como a que se julgava, definitivamente, banida desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Ora, é neste retorno da guerra, das soberanias, da luta pelo poder hegemónico e da competição entre potências que o autor vê a falência da capacidade explicativa e preditiva das teorias liberais e construtivistas das relações internacionais e, pelo contrário, vê justificado o regresso

do realismo e da geopolítica. Realismo e geopolítica que informam o seu quadro teórico e, em última instância, dão sentido ao próprio título do livro.

José Pedro Teixeira Fernandes combina bem o conhecimento histórico com a capacidade analítica e o rigor académico com uma escrita acessível, capaz de interessar não só os especialistas como o público em geral.

Este livro é, doravante, um contributo importante para compreender as questões do mundo presente e os desafios do mundo futuro.

O Fim da Paz Perpétua

Introdução

Até recentemente, predominava na Europa a ideia de que a guerra era algo obsoleto. Claro que os europeus tinham consciência de que persistiam várias guerras em diferentes partes do mundo. Mas eram guerras em territórios usualmente designados como Terceiro Mundo, hoje Sul Global¹, algo demasiado longínquo e irrelevante para alterar a percepção. Eventualmente, a guerra podia ocorrer em regiões periféricas do continente europeu, como aconteceu no Cáucaso entre a Arménia e o Azerbaijão, ou na Península Balcânica, com a Jugoslávia na década de 1990. Mas, nas zonas centrais da Europa e suas áreas contíguas, isso parecia impensável. A Europa do século XXI estava imune a disputas territoriais nacionalistas, de que o exemplo mais trágico foi o caso de França e da Alemanha, entre 1870 e 1945, devido à Alsácia-Lorena. A tragédia europeia do passado era uma poderosa vacina. Lembrava aos europeus como uma conflitualidade militar entre dois grandes Estados — os quais, na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, eram grandes potências mundiais — podia atingir proporções catastróficas. Virando a página da história, no Ocidente europeu foram fundadas as Comunidades Europeias nos anos 50. Emergiu aí uma vontade cooperativa e de partilha de soberania, encerrando definitivamente o conflito franco-alemão. Paradoxalmente, o contexto mundial era favorável. Apesar das tensões da Guerra Fria entre os maiores vencedores da Segunda Guerra Mundial, EUA e União Soviética, estas ajudavam à necessidade de união.

¹ Anne Garland Mahler, «Global South». In *Oxford Bibliographies, Literary and Critical Theory*, 5/09/2023, <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780190221911/obo-9780190221911-0055.xml>.

Ganhava contornos uma nascente ordem liberal internacional impulsionada pelos norte-americanos. Em traços gerais, isso significou a criação de um conjunto de organizações internacionais de perfil político, como as Nações Unidas, e de outras de perfil económico e financeiro, como o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento e o Fundo Monetário Internacional. Significou também a instituição de regras de conduta no plano internacional-global para os Estados, seja ao nível político e militar, seja comercial e financeiramente, seja no que se refere aos Direitos Humanos, com múltiplas convenções instituídas.

Quer o mundo delineado no pós-Segunda Guerra Mundial sob o impulso dos EUA, quer a reconstrução e a integração europeia das Comunidades — esta de uma forma ainda mais nítida —, podem ser ligados às ideias do filósofo germânico Immanuel Kant (1724-1804). Em particular, ao seu panfleto idealista e normativo sobre a paz perpétua de 1795², escrito sob a influência dos ideais da Revolução Francesa de 1789, o qual inspirou profundamente as democracias liberais, as Comunidades Europeias/União Europeia e o Direito Internacional Humanitário. Após o final da Guerra Fria em 1989, no término do século xx e no início do século XXI, prevalecia a ideia de que os ideais kantianos da paz perpétua se tinham enraizado profundamente na Europa (da União Europeia). Era também uma convicção comum que, pela influência europeia (e ocidental), eles se estavam a espalhar gradualmente pelo mundo, ainda que de forma mais lenta do que o desejável, e sofrendo, por vezes, alguns reveses. Todavia, no início do século XXI, houve um choque de realidade. Eclodiu uma guerra de grande dimensão na Europa, entre a Rússia — uma grande potência e, mais do que isso, membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, uma das organizações da ordem liberal internacional — e a vizinha Ucrânia. Para além da flagrante violação do Direito Internacional perpetrada pela Rússia, a guerra envolve uma ambição territorial nacionalista de anexação da Crimeia (já concretizada *de facto* pela Rússia em 2014) e do

2 Immanuel Kant, *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*, Edições 70, 2008.

Donbass, que muitos julgavam impensável no século XXI. A Rússia de Vladimir Putin invoca direitos históricos sobre estas duas regiões, as quais, após a queda da União Soviética em 1991, ficaram dentro do nascente Estado independente da Ucrânia. A guerra ecoa a memória longínqua e trágica do passado europeu nacionalista (da Europa Ocidental) e da referida confrontação franco-germânica sobre a Alsácia-Lorena e outras disputas territoriais nacionalistas, comuns no século XIX e na primeira metade do século XX. Como se não bastasse, a 7 de Outubro de 2023, meio século depois da guerra israelo-árabe de 1973 (guerra do Yom Kippur), o Hamas, num tão audacioso quanto bárbaro ataque a Israel, reabriu uma guerra paralela no Médio Oriente. O que parecia ser uma página encerrada da história de uma humanidade que soube e evoluir e progredir, tornando obsoleta uma guerra de grande dimensão entre Estados (como a que deflagrou entre a Rússia e a Ucrânia), e o que parecia ser apenas um velho e prolongado conflito de baixa intensidade, apesar de insolúvel diplomaticamente (o conflito Israel-Palestina), ressurgiram com a violência inaudita da erupção de um vulcão que tinha quase sido dado como extinto, ou em vias de extinção.

Uma das maiores ironias dos tempos conturbados que estamos a viver é que, bastante próximo da guerra em curso no leste europeu (na Ucrânia), está Kaliningrado, um exclave russo situado entre a Polónia e a Lituânia cuja principal ligação directa à Rússia é feita por águas internacionais pelo Mar Báltico. Era aí que se situava a antiga Königsberg, a histórica capital da Prússia Oriental, a cidade onde Kant viveu e escreveu o influente panfleto sobre a paz perpétua. Para acentuar a ironia, há um discurso de Vladimir Putin, proferido em 2005 durante a inauguração de uma placa dedicada a Kant na Universidade de Kaliningrado, onde Putin afirmava que «Kant se opôs categoricamente à resolução de divergências entre governos pela guerra». Acrescentava ainda, numa alusão ao panfleto *Para a Paz Perpétua*, publicado por Kant em Königsberg: «Creio que o prognóstico de Kant pode e deve ser levado a cabo pela nossa geração [...]. É justamente nesta base que vamos construir as nossas relações com os

européus e com os outros países do mundo.» Como notou de forma mordaz Michel Eltchaninoff, «hoje, o presidente russo parece bem menos kantiano»³. Mas não é só Vladimir Putin que está bem menos kantiano. Olhando para a Ásia e para a China em particular, ambas incontornáveis no mundo globalizado do século XXI, o que se observa facilmente são frequentes tensões político-militares, sendo o ponto mais crítico nesta altura a reivindicação da China de ter soberania legal internacional sobre Taiwan. Tudo isto leva a repensar o presente e a forma como vemos e interpretamos o mundo. No passado, com o fim da Guerra Fria, várias teorias das relações internacionais que pareciam ser de uma solidez inabalável, entre 1945 e 1989, foram abandonadas por perderem o seu poder explicativo do mundo. Ruíram com o fim do mundo bipolar e do conflito ideológico. No seu lugar, surgiram e expandiram-se outras interpretações do mundo, como a proposta pela teoria da paz democrática⁴. Nesta última visão, as democracias são mais pacíficas na resolução de conflitos internacionais do que os Estados autoritários. Resolvem os seus conflitos em respeito pelo Direito Internacional, pela diplomacia e pela negociação, não pela guerra, uma ideia que assumidamente se inspirou nas teses da paz perpétua de Kant.

Provavelmente, está agora em marcha um processo similar de abandono — ou, pelo menos, de reequacionamento — de certas teorias e de (re)surgimento de outras. Esse processo é impulsionado pelo choque da invasão da Ucrânia pela Rússia e pelo regresso da guerra à Europa, e ainda mais acentuado pela eclosão de uma nova guerra no Médio Oriente, apesar de esta última não ser um conflito clássico interestadual, mas uma guerra assimétrica. (Há uma faceta estritamente académica e científica em todo o processo que não vai ser abordada aqui.) Mesmo sem entrar em considerações teóricas profundas, é observável a desilusão ligada ao falhanço explicativo e preditivo de certas ideias liberais (e construtivistas) de evolução e transfor-

mação social, que se tornaram uma vulgata na sociedade e nos *media*. O caso mais importante é o da China, cuja abertura ao mundo exterior, pelo comércio internacional e pelo investimento, levaria gradualmente à sua transformação liberal-democrática, o que não aconteceu. Assim, a par da descrença na visão liberal do mundo, voltou a surgir espaço para a geopolítica, que é ontologicamente realista, pelo menos na sua formulação clássica. Tal visão do mundo está inscrita no pensamento dos seus fundadores da primeira metade do século XX — Rudolf Kjellén, Halford Mackinder e Karl Haushofer, entre outros —, embora nessa altura estivesse impregnada de um forte determinismo geográfico⁵ pouco científico e marcado por rivalidades imperiais e coloniais. Pelo já explicado, não é um mero acaso assistirmos nesta altura a um renovado interesse e ao crescente uso da geopolítica. Sintomático é o caso da União Europeia — o reino da paz perpétua kantiana, onde a geopolítica era vista como um anátema do mundo passado —, na qual, no final de 2019, surgiu uma «Comissão Geopolítica», seja o que for que isso signifique na prática, chefiada por Ursula von der Leyen⁶. Para além do uso livre de um termo que é também de moda discursiva, reflecte um grau de preocupação com as tensões e os conflitos no mundo que não existia anteriormente. Tudo isso está no cerne da análise geopolítica, a qual perde espaço e relevância num mundo kantiano de cooperação e pacífico, mas (re)adquire-a quando emergem as rivalidades, as disputas de poder e os conflitos político-militares. Para existir uma dimensão geopolítica *strictu senso* num conflito, este terá de estar relacionado com a soberania sobre um território ou com a influência e o poder sobre ele — esse é claramente o caso da guerra na Ucrânia. Mas às rivalidades e aos conflitos clássicos sobre um território — envolvendo a componente geográfica, os recursos, a dimensão económica, demográfica

3 Michel Eltchaninoff, *Na Cabeça de Putin*, Livros Ziguarte, 2022, p. 27.

4 Dan Reiter, «Democratic Peace Theory». In Oxford Bibliographies, Political Science, 5/09/2023, <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199756223/obo-9780199756223-0014.xml>.

5 José Pedro Teixeira Fernandes, «A Geopolítica clássica revisitada». *Nação & Defesa*, n.º 105, 2003, pp. 221-244, https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1395/1/NeD105_JosePedroTeixeiraFernandes.pdf.

6 Ver Pierre Haroche, «A 'Geopolitical Commission': Supranationalism Meets Global Power Competition». In *Journal of Common Market Studies*, 61(4), 2023, pp. 970-987, <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/jcms.13440>.

e outras — crescem hoje as rivalidades e os conflitos sobre os novos territórios imateriais, desde logo no ciberespaço. A outra componente fundamental da geopolítica, que é a dimensão política, envolve as questões ideológicas (democracia liberal *versus* autoritarismo), identitárias (grupos étnicos, religiosos e linguísticos), históricas (relação com o passado) ou legais (Direito Internacional), que interagem com o elemento geográfico. Também aqui é observável que a geopolítica ganhou um novo terreno, pela ascensão dos populismos e dos autoritarismos e pelo retrocesso parcial da democracia liberal. Em conexão com todas estas transformações do mundo contemporâneo, emergiram novos conceitos geopolíticos nas análises de política internacional, ainda que fluidos nos seus contornos — como o Indo-Pacífico. São reflexo da gradual deslocação do centro económico, político e militar do mundo do Atlântico para a vasta região Indo-Pacífico, ou para a ainda mais vasta região Ásia-Pacífico, onde são críticas a rivalidade sino-americana e a questão de Taiwan.

Assim, o que se propõe neste livro é um conjunto de leituras que se espera que possam ajudar a compreender melhor o mundo actual, marcado pelas circunstâncias e tendências anteriormente descritas, para além do superficial e do meramente conjuntural. Trata-se de uma colecção de textos analíticos originalmente escritos, na sua quase totalidade, nos últimos dois anos. Embora tenham surgido, de forma avulsa, na imprensa portuguesa, no jornal *Público*, quase sempre ligados a questões que marcaram a agenda internacional, foram revistos, actualizados e, em certos casos, parcialmente reescritos. Há assim uma sequência temática coerente que propicia uma unidade de leitura. Como ocorre em todas as análises de política internacional, as lentes pelas quais o mundo é visto condicionam e dão tonalidades diferentes à factualidade analisada. É assumidamente uma preocupação deste livro tentar mostrar o mundo sob diferentes ópticas e perspectivas, que vão além da usual visão do mundo impregnada de uma perspectiva europeia, ocidental e atlântica próxima do chamado *mainstream*. Não é uma tarefa fácil, mas é necessária. Se quisermos mesmo perceber a realidade internacional,

devemos ter bem claro que a compreensão das questões de política internacional implica também tentar ver o mundo pelas lentes do Outro não ocidental, seja a Rússia, a China, a Índia ou qualquer outro Estado do que hoje chamamos o Sul Global. É algo difícil, não só pelas diferenças culturais e de valores, por vezes muito acentuadas, mas também porque os conflitos político-militares agudizam as diferenças pré-existentes. Pior do que isso, criam muros de incompreensão entre os beligerantes, tornando-os barreiras intransponíveis. Todavia, importa aqui sublinhar, fazer um esforço para ver o mundo pelas lentes do Outro não significa aderir à sua visão do mundo, nem fazer equivaler moralmente quaisquer argumentos avançados num conflito pelas partes em confronto. É usar um instrumento analítico adequado a uma melhor compreensão do mundo e dos conflitos internacionais.

Por último, uma breve explicação sobre a forma como está organizada a leitura que a seguir se propõe. Numa primeira parte, o livro contém um conjunto de reflexões e de considerações analíticas sobre a ordem internacional liberal e o regresso da guerra à Europa. A análise decorre em grande parte à volta da Rússia e dos acontecimentos que esta desencadeou com a invasão da Ucrânia, em especial no seu impacto na ordem internacional liberal. A bem conhecida frase de Winston Churchill, em 1939, de que a Rússia é «uma charada envolta num enigma dentro de um mistério»⁷ continua a ressoar no século XXI, pela dificuldade de entender o seu funcionamento interno e a sua forma de actuação na política internacional. A segunda parte é dedicada à formação tumultuosa de um mundo multipolar, ou seja, à contestação da hegemonia norte-americana. Para além da guerra na Ucrânia e das suas consequências directas nos beligerantes, o mundo continua em transformação e num processo de se tornar menos euro-ocidental e mais centrado na vasta região Ásia-Pacífico. Ao mesmo tempo, a globalização dá claros sinais de retrocesso ao nível da

7 «A riddle wrapped in a mystery inside an enigma». Ver W. Mark Hamilton, «The Enigma of Russia». In *International Churchill Society*, Boletim n.º 166, Abril de 2022, <https://winstonchurchill.org/publications/churchill-bulletin/bulletin-166-apr-2022/the-enigma-of-russia>.

abertura económico-comercial, devido à crescente competição e rivalidade sino-americana pela supremacia global, a qual decorre em múltiplos terrenos e tem um ponto particularmente crítico em Taiwan, como já notado — é o maior cenário de risco de uma eventual confrontação militar sino-americana. Tudo isto ocorre num contexto em que o problema ambiental se agudizou e está em curso uma transformação energética radical, de combustíveis fósseis para energias renováveis, com inevitáveis consequências na distribuição de poder no plano global. Para qualquer leitor, a grande incógnita é perceber que mundo iremos ter nos próximos cinco, dez ou 20 anos. O livro não dá uma resposta a essa questão entrando no terreno falacioso das profecias. Mas permite aprofundar a compreensão do tempo que vivemos para além do superficial e do acessório, possibilitando também antecipar tendências, seja qual for o mundo que ganhar contornos de realidade nos anos vindouros.

P A R T E I

A ordem internacional liberal e o regresso da guerra à Europa



**O Fim da
Paz Perpétua**

foi composto em caracteres Mercury
e impresso na Rainho & Neves
em papel Holmen Book Ivory 80 g
no mês de Novembro de 2023.

